

PLANTAS MEDICINAIS E ETNOCONHECIMENTO NA CIDADE DE HUMAITÁ-AM

Soraya do Carmo Souza

soldocarmo@gmail.com¹

Resumo

O modo de vida rural é parte da cultura do povo brasileiro. Os tipos de cultivos, preparos de alimentos, nomenclaturas diferenciadas de plantas e animais. Contudo, uma prática comum herdada da cultura camponesa refere-se ao preparo de medicamentos à base de plantas medicinais nativas e cultivadas. Desse modo, propõe-se o estudo dos medicamentos naturais feitos a partir de plantas por alunos do Ensino Fundamental. E a compreensão da migração como elemento que contribui para a diversidade cultural. Tais conhecimentos são difusos na sociedade devido a constante troca de informações em função da necessidade de tratamentos de saúde domésticos, seja por causa da ausência do poder público ou por que se considera a medicina tradicional mais eficiente. Assim, este estudo pretende analisar as influências do etnoconhecimento camponês no modo de vida urbano, principalmente quanto ao uso de medicamentos produzidos a partir de plantas nativas e cultivadas, as informações serão produzidas a partir de trabalhos de campo com entrevistas sob a perspectiva da pesquisa participante na qual os estudantes poderão apreender a realidade como pesquisadores e sujeitos da situação social estudada.

Palavras-chave: Migração, cotidiano, modo de vida.

Introdução

O campesinato brasileiro é uma classe formada pelas influências das culturas indígenas, dos negros escravizados e dos colonizadores europeus. Identificamos tais influências através de palavras, alimentos e as marcas na paisagem. A miscigenação ocorrida ao longo da história favoreceu aos povos que já habitavam a região, conhecidos genericamente como indígenas.

Estes desenvolveram modernas técnicas de uso da natureza para a domesticação de espécies para alimentos, como é o caso do tucupi ou para a resolução de problemas de saúde

¹ Mestra em geografia humana USP. Professora do Ensino Básico SEDUC e SEMED Humaitá-AM. Coordenadora do Projeto Ciência na Escola (PCE – FAPEAM).

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM) pelas bolsas concedidas.



com medicamentos à base de plantas e rituais sobrenaturais. Desse modo, mantêm íntima relação com o ambiente, com técnicas de caça, pesca e agricultura.

O modo de vida baseado no auto sustento, retirando da natureza o essencial para a reprodução material sem causar-lhes danos significativos, é considerada erroneamente como rústica e atrasada. No entanto, a partir da década de 1960, o governo ditatorial implementou uma série de políticas que alteraram o ambiente e as relações sociais estabelecidas na Amazônia.

A floresta foi loteada e transformada em projetos de assentamento, atraindo camponeses expropriados do Centro-Sul e do Nordeste expulsos pela ação do latifúndio das melhores localizações do país. Assim, se constituiu o campesinato amazônico, com a interação entre diversas culturas, e a que se refere ao uso de plantas para produção de medicamentos representa o objeto de estudo desse trabalho.

A partir da pesquisa participante, realizamos trabalhos de campo nos bairros São Pedro e Nova Esperança, áreas adjacentes à escola estadual Marly de Carvalho Lobato Nery, e onde os alunos bolsistas residem.

Assim, buscou-se com esse projeto aproximar o saber acadêmico com a realidade a qual estão inseridos, identificando como o modo de vida camponês se faz presente em um centro urbano como Humaitá.

Objetivos da pesquisa

Objetivo geral

Compreender as influências da cultura camponesa em Humaitá, identificando as plantas utilizadas como matéria-prima para a produção de medicamentos naturais.

Objetivos específicos

- Realizar leituras de textos relativos à ocupação da cidade de Humaitá;
- Identificar as plantas utilizadas como medicamentos;
- Analisar o uso da natureza como elemento da cultura camponesa presente no modo de vida urbano.

Metodologia

Utilizou-se como princípio teórico-metodológico a pesquisa participante (MINAYO, 2013, p. 70) pois se trata de “um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social”. Desvelando aos alunos bolsistas o protagonismo como sujeitos da realidade apresentada.

Realizamos oficinas de leituras a qual evidenciou-se os aspectos da realidade observados a partir das teorias científicas. Os textos eram lidos em conjunto, seguidos de discussões sobre a compreensão dos temas, esclarecimento de dúvidas e produção de textos. Vimos os conceitos de Paisagem geográfica, processos migratórios, campesinato, campesinidade, formação das cidades amazônicas e etnoconhecimento.

A análise da cultura humaitaense, cultivos de plantas e produção de medicamentos se deu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas durante trabalhos de campo nos bairros São Pedro e Nova Esperança, onde a maior parte dos estudantes moram. Os dados colhidos em trabalho de campo foram sistematizados e registrados em cadernos de campo e através de fotografias.

A reflexão acerca do processo de migração camponesa para o Sul do Amazonas, com destaque para Humaitá, ocorreu a partir de pesquisa bibliográfica na biblioteca da escola e na internet para posterior leitura de artigos e livros, base para a produção dos textos. Bem como através das entrevistas identificou-se que os moradores são imigrantes ou descendentes.

Resultados obtidos

A formação socioespacial de Humaitá

A cultura camponesa faz parte da formação do povo brasileiro, o qual pode-se observar em Humaitá - AM. De acordo com o IBGE (s/d) esta cidade, banhada pelo rio Madeira foi habitada originalmente pelas etnias Torá, Tenharim, Parintintin, Pama, Arara e Mura. Os portugueses colonizaram a área em 1885 fundando o Distrito de São Francisco do Rio Madeira.



Desse modo, compreendemos que a formação do povo humaitaense ocorreu com a chegada do invasor português e miscigenação com os indígenas que habitavam a região. Assim, os caboclos ribeirinhos herdaram os conhecimentos indígenas e dos portugueses.

A cultura local pode ser analisada a partir de duas vertentes. A primeira, relaciona-se com as práticas ribeirinhas e a segunda refere-se aos hábitos dos migrantes que chegaram à cidade a partir da década de 1960 atraídos pela política de distribuição de lotes de terras aos camponeses que vieram do Centro Sul e Nordeste para a Amazônia (RIBEIRO e LEOPOLDO, 2013).

O governo ditatorial criou os chamados "Grandes Projetos" com o lema de "integrar para não entregar", ou seja, integrar a Amazônia pobre ao Sul mais desenvolvido. Uma das maneiras de fomentar esse ideário correspondeu a abertura de estradas.

Humaitá apresenta-se no intercurso de duas importantes rodovias, a BR 230 (Transamazônica) e a BR 319 (Manaus - Porto Velho) e, localiza-se às margens do rio Madeira. Desse modo, destaca-se a importância logística que facilitou a entrada dos camponeses migrantes para o Sul do Amazonas.

Assim, os hábitos e práticas alimentares, conhecimentos sobre as características naturais da região como também as plantas e produção de medicamentos é resultante das intensas trocas culturais entre os camponeses e caboclos.

Etnoconhecimento camponês em Humaitá

As plantas medicinais, sejam as cultivadas nos quintais ou retiradas da mata são a matéria-prima para os rituais de cura, trata-se de cipós, cascas, resinas, frutas, sementes e árvores. Os conhecimentos construídos cotidianamente fazem parte da cultura ancestral herdada dos antepassados, seja a dos colonizadores ou dos colonizados.

Nos quintais foram encontradas espécies vegetais cujas partes são utilizadas para a produção de medicamentos, principalmente chás e xaropes. As plantas mais encontradas correspondem aos problemas de saúde mais corriqueiros, os quais evita-se ir ao hospital e postos de saúde.

Exemplo disso são, as folhas mais novas da goiabeira, utilizadas para dores no estômago, e consumidas *in natura*. Enquanto as folhas secas ou amarelas de amora combinadas com as folhas secas do algodão roxo são cicatrizantes recomendados para o pós-operatório, em forma de chá, asseio e por fim o sumo deve ser colocado em cima do corte cirúrgico.

O chá das folhas de corama com crajirú são utilizadas para o tratamento ginecológico, como inflamação por fungos e bactérias, tanto o consumo direto quanto o banho de asseio. O chá de capim santo, erva cidreira e hortelã grosso são recomendadas para febres causadas por gripes e resfriados.

Assim, comprovamos a riqueza simbólica e necessidade de valoração do etnoconhecimento camponês repassados ao longo de gerações que são, por vezes, a única fonte de resolução dos problemas de saúde dos povos amazônicos viventes em lugares longínquos ou mesmo àqueles que, morando em um centro urbano como Humaitá, mas não é atendido satisfatoriamente pelos serviços públicos de saúde.

Plantas medicinais cultivadas

O uso de plantas para a produção de medicamentos é característico de sociedades cujo modo de vida apresenta uma intensa relação com a natureza, chamados de nativos, aborígenes, e no caso do Brasil, os indígenas. Estes grupos dominam técnicas de retiradas das partes de plantas para o preparo de chás, infusões, emplastos, xaropes, pomadas, comprimidos como também rituais de cura.

Sabe-se que a miscigenação ocorrida no Brasil favoreceu intensas trocas culturais, a cultura camponesa a saber herdou muitos ensinamentos dos ascendentes indígenas e caboclos. Desse modo, é objetivo desse trabalho compreender o modo de vida camponês presente em centros urbanos, pois não há um desvencilhamento total entre os modos de vida rural e urbano.

Assim, verificou-se nos bairros São Pedro e Nova Esperança, na cidade de Humaitá – AM, variedades de plantas medicinais cultivadas nos quintais em canteiros (figura 1), leiras (figura 2) ou diretamente no chão (figura 3).

Figura 1 – Copo de leite e cebola de palha no canteiro



Fonte: Acervo PCE/FAPEAM, 2018.

No primeiro plano da figura 1 observa-se a planta conhecida como *copo de leite* em virtude de suas flores serem muito brancas. A flor colocada no álcool, deve permanecer submersa por três dias. Após esse período a solução deve ser aplicada na unha infectada por fungos e bactérias várias vezes ao dia.

Figura 2 – Hortelã pimenta



Fonte: Acervo PCE/FAPEAM, 2018.

A planta que se destaca na figura 2 é conhecida como *hortelã grosso* ou *hortelã pimenta*, as folhas exalam um cheiro forte, inibindo a ação de insetos. As folhas e caule macerados e misturados a mel de abelha transforma-se em um xarope, muito comum para o tratamento de tosse e rouquidão.

No segundo plano da foto, com folhas lisas e compridas encontra-se um dos tipos de *boldo*, conhecido pelos camponeses sulistas como *figatilo*, o chá das folhas atua contra dores abdominais causadas por má digestão e consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Figura 3 – Penicilina



Fonte: Acervo PCE/FAPEAM.

O nome é similar ao medicamento da indústria farmacêutica, mas não há relação entre elas. O chá das folhas da “*penicilina*” é indicado como antibiótico. E o sumo das folhas ajuda na cicatrização de ferimentos. É vista também como uma planta ornamental devido a coloração avermelhada e a beleza das flores em tom de rosa.

Com uma atuação semelhante referida ao tratamento de ferimentos, encontramos a *babosa* (figura 4). A folha apresenta um interior pastoso, cujos fluidos cicatrizam feridas, cortes e queimaduras. Diz-se que um *preparado*, com a *babosa* é capaz de curar úlceras, gastrite e câncer de estômago. No entanto, somente pessoas com a devida experiência podem fazê-lo.

O sumo das folhas de *babosa* misturados com mel de abelha e óleo de andiroba funcionam como uma máscara capilar. Tratamento recomendado para cabelos ressecados. Inclusive já é utilizado pela indústria farmacêutica em cremes de tratamento.

Figura 4 – Babosa



Fonte: Acervo PCE/FAPEAM, 2018.

Determinados tratamentos são mais complexos e apesar do conhecimento sobre as propriedades fitoterápicas das plantas, somente pessoas com experiência sabem preparar os medicamentos. São conhecidos como “*rezadores, puxadores*”. Em trabalhos de campo identificamos a senhora M.C.C.S, cujo quintal representa uma verdadeira “farmácia popular”.

Veio do lago do Puruzinho, interior de Humaitá, a qual trouxe, além do etnoconhecimento herdado das matriarcas da família, plantas medicinais cultivadas em seu quintal em hortas suspensas, leiras, vasilhas de plástico e diretamente no chão.

Portanto, evidencia-se com esse trabalho que a cultura camponesa mantém uma resistência as práticas capitalistas de consumo dos medicamentos industrializados, pois os usos de medicamentos fitoterápicos representam uma opção de tratamento que apresenta pouco ou nenhum efeito colateral.



Considerações finais

A realização do projeto representou uma aproximação entre as práticas acadêmicas com a realidade escolar e o cotidiano dos moradores do entorno. Assim, observar como os saberes populares, e desenvolvê-los como objeto de pesquisa, permitiu aos alunos bolsistas desvelar conhecimentos da realidade que estavam tão próximos, mas ao mesmo tempo tão distantes.

O período técnico-científico-informacional caracterizado pelo desenvolvimento da informática e cibernética favorece a comunicação entre pessoas de diferentes lugares enquanto se perde as noções de convívio com as pessoas mais próximas. Desse modo, este trabalho contribuiu para a valoração do etnoconhecimento camponês encontrado em um centro urbano.

Tais características são identificadas na organização dos quintais, pois a paisagem revela traços das diferentes culturas ou mesmo pelo valor imaterial, como a história oral rica em simbolismos e conhecimentos das plantas medicinais.

Tendo em vista que a pesquisa científica se encontra desvinculada das práticas escolares, buscou-se com esse projeto também inserir os estudantes do Ensino Fundamental II, de 8º e 9º ano nos princípios da investigação científica de modo a contribuir com o conhecimento da realidade vivida e experienciada pelos alunos de escolas públicas.

Portanto, conhecer a realidade nos permitiu valorar o conhecimento herdado dos antepassados, a riqueza cultural encontrada causou surpresa aos alunos bolsistas, que não esperavam como o conhecimento difuso acerca dos medicamentos naturais fosse tão expressiva entre os vizinhos com os quais havia pouco diálogo.

Assim, tendo em vista que os estudantes detêm resquícios da cultura camponesa observou-se a valoração dos hábitos e costumes cotidianos transformados em objeto de estudo da ciência geográfica, aproximando assim a realidade escolar com a prática acadêmica (BAGNO, 2002).



Referência Bibliográfica

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. 9ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

IBGE. Humaitá - AM. Disponível em: <<https://bibioteca.ibge.gov.br/visualização/oltbs/amazonas/humaita.pdf>> Acesso em: 29 nov. 2018.

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Ueliton França. LEOPOLDO, Paulo Rodolfo. Colonização ao longo da Transamazônica: Trecho km 930 - 1035. *Revista científica eletrônica de agronomia*, ano 2, n. 3, jun. 2009. Disponível em: <faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/OHqwzmlCMN3LLCLx_2013-4-25-16-17-11.pdf> Acesso em: 29 nov. 2018.